

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL
SÉRGIO GODINHO
E ORQUESTRA
METROPOLITANA DE
LISBOA

5 A 8 JULHO 2018

MAESTRO
CESÁRIO COSTA
OS ASSESSORES
COM DIREÇÃO DE
NUNO RAFAEL
PIANO E
ARRANJOS
FILIFE
RAPOSO



Os círculos
Sérgio Godinho



© ARLINDO CAMACHO

Gosto deste completar dos círculos, nesta visitação sucessiva das minhas canções. Tem acontecido ao longo de muitos anos. Sempre recebi a energia, tantas vezes repetida, de sentir as minhas canções postas à prova pelos músicos com quem toquei, e pelos meus músicos de agora (que já o são de há muito), e também por formações ocasionais mas sempre proficuas – banda filarmónicas, bandas de rock puro, bandas de pop, coros juvenis, orquestras de flautas, uma orquestra de jazz. Companheiros distintos nesta confrontação entre as minhas canções, a minha voz, e a vida de outras galáxias.

Falar de companheiros é falar também de Filipe Raposo. Com ele tenho feito, aqui e lá fora, concertos de voz e piano, algo que nunca tinha experimentado. Que pianista. E cada concerto tem sido, para nós, um *instant classic*, fica.

O mesmo acontece muitas vezes com Os Assessores. Há espectáculos de que continuamos a falar muito tempo depois, houve uma chispa. Não se apagou.

É, portanto, uma feliz sincronia que o Filipe escreva os arranjos dessas versões da Orquestra Metropolitana. E que Os Assessores também façam parte desse todo.

Vamos então ao fechar de um círculo e à consequente Metropolitana. Nunca, até agora, fiz um concerto com uma orquestra sinfónica, e isso, mais do que uma lacuna no currículo, era uma lacuna no prazer.

Desde logo, porque fui formado com esses sons – Beethoven, Bach, Mozart, Schubert. São-me familiares, e serão a partir daqui, duplamente familiares. É sentir-me em casa, mais uma vez.

O fechar de um círculo, a consecução de uma agenda de intenções.

Por último, o São Luiz. Esta é a minha casa. Na sala Luis Miguel Cintra e na sala Bernardo Sasseti, e até na Mário Viegas. O São Luiz é de há muito a minha casa. Nela actuei tantas vezes, em tantos formatos, que não há dedos que as contem. É um currículo em si, que reconheço com orgulho. Até porque esta foi uma sala que conheci, no início de maio de 1974, num dos primeiros cantos livres, todos no palco, e tocas tu, toco eu. Foi o meu primeiro grande momento de comunicação em Portugal. E logo nesta sala, vinda de outras memórias. Foi importante. E continua a perdurar, a minha cumplicidade de longa data com estas duas, três salas, estes espaços, através das suas vigências sucessivas. Nelas pratiquei várias artes musicais e dramáticas. Esqueço-me sempre duma qualquer, quando as tento enumerar. Mas não me esquecerei facilmente destes dias, da consecução deste círculo. Para mais, o São Luiz e eu temos contas para ajustar. O que já não sabemos, verdadeiramente, é quem deve o quê a quem. Estamos sempre quites.

Canto livre

*Aida Tavares, diretora artística
do Teatro São Luiz*

Há concertos que duram mais do que a noite em que se realizam. Os de Sérgio Godinho, aqui no Teatro São Luiz, têm sido sempre especiais e em circunstâncias especiais. A primeira vez que pisou este palco, em maio de 1974, nos tempos fer-vilhantes da revolução, fê-lo numa sessão de canto livre – e essa sensação de liberdade nesta casa, acredito, prolongou-se até hoje. É sempre a pensar nela que o convidamos a regressar. Cabe-nos a nós proporcionar outros modos de olhar para o espaço do Teatro e Sérgio Godinho tem feito isso como poucos.

Em 2005, desafiámo-lo a cantar outros compositores e devolveu-nos um *Troca por Troca* inesquecível, em que deu voz a David Byrne, Boris Vian, António Mafra, Jobim, Bing Crosby, Zeca Afonso, Kinks, John Lennon e até aos amigos do saudoso Gaspar. Nos 40 anos do 25 de Abril, em 2014, pedimos-lhe que ocupasse o Teatro durante três dias e deu-nos o magnífico *Liberdade*, revendo, através do seu repertório, as quatro décadas do Portugal democrático e chamando também novos criadores de canções e novos músicos. Foi também por cá que se estreou num concerto pensado para os mais novos, não hesitando sequer quando o provocámos. E seria aqui que, em 2016, havia de se

juntar, pela primeira vez, ao pianista e compositor Filipe Raposo, naquilo que seria o início de uma relação que entretanto cresceu. Juntos, criaram repertório sobre “a casa” para o projeto *Estar em Casa* e que bonito que foi.

Uma vez mais, Sérgio Godinho aceitou o desafio do Teatro São Luiz: subir ao palco com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, dirigida pelo maestro Cesário Costa e com arranjos de Filipe Raposo, um dos nossos maiores cúmplices, que tanto gostamos de espicaçar, e que, por mais diferente que seja a proposta que lhe fazemos, consegue sempre surpreender-nos (seja na música ou no teatro, passam por ele muitas das obras que farão parte da nossa história recente). Nunca antes Sérgio Godinho tinha atuado ao lado de uma formação assim – mas é para isso, acredito também, que serve um teatro como este: para proporcionar novas experiências e possibilitar a produção de novos objetos artísticos. Será emocionante vê-los a todos reunidos: o Sérgio, o Filipe, o Cesário e os fiéis Assesores, liderados pelo Nuno Rafael, também ele companheiro de outras aventuras por cá. Sempre com a palavra liberdade em mente, sempre com a cabeça aberta para o novo. É um cantor de desafios, o Sérgio Godinho. E que bom vê-lo de regresso a esta casa. A ele lhe digo: “Obrigada, Sérgio, por tudo o que nos tens dado. A liberdade passará sempre por aqui”.

O nómada colecionador de histórias

Filipe Raposo, pianista e compositor

Caim e Abel — sim, começo a minha história desta forma, porque é precisamente sobre histórias o motivo deste nosso encontro. Um dos primeiros mitos sobre a divisão da humanidade entre sedentários e nómadas começa com estes dois personagens — Caim é condenado à eterna errância pela morte do seu irmão Abel e passa de observador de rotinas diárias a observador do mundo.

Numa viagem de comboio que fizemos na Escandinávia (Estocolmo – Oslo), lembro-me de conversar com o Sérgio sobre a importância de conhecer e ter mundo. E sem que ele soubesse, num gesto de partilha absoluta estava também revelada uma das chaves que resolveria (para mim) o mistério da sua obra incrível.

Nessa ânsia de descobrir o mundo, encontramos os poemas mais inspirados, as melodias que os ajudam a ficar guardados num qualquer lugar secreto que os faz ganhar voz e significado.

Tantas vidas contadas, tantos lugares visitados numa só canção! Tudo isto num gesto de síntese perfeito.

E porque as histórias e os mitos sempre precisaram de um local especial para serem contados, regressamos a uma casa, à nossa casa que tantas vezes nos acolheu

— o São Luiz. Casa-mundo que possibilita que novos e antigos mitos sejam criados e contados a cada público que a visita.

Quando escrevo arranjos para canções, gosto de pensar no piano como uma orquestra privada a que tenho acesso permanentemente. Assim, diria que estas orquestrações começaram a ser pensadas em 2016, quando pela primeira vez nos juntámos neste mesmo palco — voz e piano. Foi um encontro que deixou marcas profundas, quisemos repetir e fizemos dezenas de concertos. Hoje juntamos a cumplicidade da orquestra Metropolitana, do Maestro Cesário Costa e dos Assessores pela primeira vez.

No momento em que o mito se inicia, tornamo-nos errantes com o contador, somos levados pela beleza das palavras, da melodia, da harmonia dos instrumentos. Somos levados pela sua mão experiente a observar o detalhe da vida ou das vidas — e não é isto mesmo que nos comove?

Cada concerto é um regresso à tribo que nos viu crescer, repetimos as palavras que nos ensinaram a escutar e observar o mundo, a multidão ou a nossa voz.

O curioso é que nunca nos cansamos de ouvir o Sérgio a cantar essas mesmas histórias, sempre como se fosse pela primeira vez — aí surge a calma e a certeza de que haverá sempre um novo começo.

Em boa companhia

Rui Campos Leitão, musicólogo
Orquestra Metropolitana de Lisboa

Subir ao palco junto de Sérgio Godinho representa muito mais do que o privilégio de colaborar com uma das figuras mais prestigiadas do nosso panorama musical. A maneira inconfundível que tem de cantar as palavras – a sua voz – lembra-nos histórias. Conta-nos histórias sobre o país, mas também sobre cada um de nós. Segreda ao ouvido uma poesia do tamanho de um mundo que se vive por dentro, crescendo com ele e participando na sua construção. Tal como a categoria Música Clássica não é suficiente para abraçar toda a atividade da Orquestra Metropolitana de Lisboa, também o ecletismo de Sérgio Godinho não se reconhece num carimbo tão estreito como Música de Intervenção. Impunha-se, por isso, desafiar a sonoridade da orquestra para dialogar com a diversidade estilística das suas canções, destacando-se aqui a circunstância de ser esta a primeira vez que o cantor se aventura num projeto desta natureza. Porque nunca é tarde para fazer coisas novas, reinventam-se temas “de sempre”, como *O Primeiro Dia*, *Lisboa Que Amanhece* ou *Com um Brilhozinho nos Olhos*. Entre estações e apeadeiros, atalha-se caminho para temas do álbum mais recente, *Nação Valente*, editado no princípio deste ano.

Lista de temas

A Deusa do Amor

Sérgio Godinho

A Noite Passada

Sérgio Godinho

Bem-Vindo Sr. Presidente

Sérgio Godinho

Bomba-Relógio

Sérgio Godinho

***Com um Brilhozinho
nos Olhos***

Sérgio Godinho

Coro das Velhas

Sérgio Godinho

Dancemos no Mundo

Sérgio Godinho

Dias Úteis

Sérgio Godinho

Endechas a Bárbara Escrava

Luís De Camões / José Afonso

Fotos do Fogo

Sérgio Godinho

Grão da Mesma Mó

Sérgio Godinho / David Fonseca

Liberdade

Sérgio Godinho

Lisboa que Amanhece

Sérgio Godinho

Mariana Pais

Sérgio Godinho /
José Mário Branco

Noite e Dia

Sérgio Godinho / Filipe Raposo

O Elixir da Eterna Juventude

Sérgio Godinho

O Homem Fantasma

Sérgio Godinho

O Primeiro Dia

Sérgio Godinho

O Velho Samurai

Sérgio Godinho

Só Neste País

Sérgio Godinho

Tipo Contrafacção

Sérgio Godinho / Nuno Rafael

SÉRGIO GODINHO E ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

5 a 8 julho 2018

Quinta a sábado, 21h; domingo 17h30

Sala Luis Miguel Cintra; m/6

€11 a €22 (€5 a €17,60)

Sérgio Godinho: voz; Filipe Raposo: piano e arranjos para orquestra; Cesário Costa: maestro Nuno Rafael: guitarras elétricas e acústicas, cavaquinho, lap steel guitar, percussão, coros; Miguel Fevereiro: guitarras elétricas e acústicas, percussão, coros; Nuno Espírito Santo: baixo, percussão; João Cardoso: teclados, samplers, coros; Sérgio Nascimento: bateria, percussão

Orquestra Metropolitana de Lisboa: Nuno Inácio, Janete Santos flautas; Sally Dean, Joel Vaz oboés; Jorge Camacho, Aldara Medeiros (convidada) clarinetes; Lurdes Carneiro, Rafaela Oliveira fagotes; Rodrigo Carreira (convidado), Jérôme Arnouf trompas; Sérgio Charrinho, Nuno Tiago trompetes; Fernando Llopis percussão; José Pereira, Romeu Madeira, Alexei Tolpygo, Diana Tzonkova, Carlos Damas, Joana Dias 1^{os} violinos; Ágnes Sárosi, José Teixeira, Anzhela Akopyan, Daniela Radu, Micaela Sousa, Pedro Lopes (convidado) 2^{os} violinos; Joana Cipriano, Irma Skenderi, Valentin Petrov, Joana Tavares violas; Nuno Abreu, Jian Hong, Catarina Gonçalves, Ana Cláudia Serrão violoncelos; Vladimir Kouznetsov, Ercole de Conca contrabaixos

Uma encomenda São Luiz Teatro Municipal

“Nunca, até agora, fiz um concerto com uma orquestra sinfónica, e isso, mais do que uma lacuna no currículo, era uma lacuna no prazer.”

Sérgio Godinho

O Bilhete Suspenso nunca esgota. Saiba mais em bilheteira@teatrosaoluz.pt/ 213 257 650

São Luiz Teatro Municipal Direção artística Aida Tavares; Direção executiva Joaquim René; Programação Mais Novos Susana Duarte; Adjunta direção executiva Margarida Pacheco; Secretária de direção: Soraia Amarelinho; Direção de produção Tiza Gonçalves (Diretora), Andreia Luís, Bruno Reis, Margarida Sousa Dias; Direção técnica Hernâni Saúde (Diretor), João Nunes (Adjunto); Iluminação Carlos Tiago, Ricardo Campos, Sara Garrinhas, Sérgio Joaquim; Maquinistas António Palma, Cláudio Ramos, Paulo Mira, Vasco Ferreira; Som João Caldeira, Gonçalo Sousa, Nuno Salas, Rui Lopes; Responsável de manutenção e segurança Ricardo Joaquim; Direção de cena Marta Pedroso (coordenadora), José Calixto, Maria Távora, Ana Cristina Lucas (Assistente); Direção de comunicação Elsa Barão (Diretora), Gabriela Lourenço, Nuno Santos; Relação com públicos Mais Novos Inês Almeida; Bilheteira Ana Ferreira, Cristina Santos, Renato Botão